Comunicação em saúde e a Internet: A busca por informações e a relação médico-paciente num ambiente online[1]

Arquimedes Pessoni (Universidade Municipal de São Caetano do Sul – USCS – SP)[2]
Rafael Martins Revadam (Universidade Municipal de São Caetano do Sul – USCS – SP)[3]

Resumo

Este artigo tem como objetivo identificar e analisar como estudantes universitários fazem usam da Internet na busca de informações sobre a temática saúde. Tendo como sujeitos de pesquisa universitários das áreas de Comunicação e Saúde, o estudo procurou explorar como rede mundial de computadores (Internet) tem auxiliado na busca de informações relacionadas à área de saúde, consultas à literatura médica e desenvolvimento de uma relação online entre médico e paciente. Foi realizada uma pesquisa com 217 estudantes de 17 a 25 anos. Os resultados apontam para uso frequente na busca de informações por parte dos alunos, mas a ausência de relacionamento online entre alunos-pacientes e profissionais de saúde.

Palavras-chave

Comunicação; Saúde; relação médico-paciente; Internet.

Introdução

Em 2012, o Brasil chegou ao quinto lugar entre os 20 países com maior número de pessoas conectadas à Internet[4]. São 94,2 milhões de usuários online, de acordo com levantamento divulgado pelo Ibope Media, sendo que 50,7 milhões de pessoas acessam regularmente a rede mundial de computadores[5]. É possível dizer que a Internet, nesses 21 anos de existência, modificou drasticamente o modo de comunicar, interagir, emitir, receber e propagar conhecimentos.

Pessoni (2012) avalia que o velho modelo de atendimento e comunicação entre profissionais de saúde e pacientes, de modo presencial, em que o paciente desconhecia os males de seu corpo e o médico era o detentor único da sabedoria, ganhou novos contornos a partir do surgimento da internet. Com o conhecimento literalmente na ponta dos dedos, os

[1] Trabalho apresentado no GP Comunicação, Ciência, Meio Ambiente e Sociedade, XIII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação
[2] Orientador do trabalho. Professor do Programa de Mestrado em Comunicação da USCS, email: pessoni@uscs.edu.br
[3] Estudante de Graduação 7º. semestre do Curso de Jornalismo USCS, orientando do Programa de Iniciação Científica-bolsista PIBIC, email: rafaelrevadam@hotmail.com.
[4] Levantamento divulgado e realizado pela assessoria do PT no Senado, idealizado conforme índices de institutos governamentais e não governamentais.
[5] Dados divulgados conforme estudo realizado pelo Ibope Nielsen Online.

novos pacientes contam com o Dr. Google para saber mais sobre suas dores, sintomas e males. Informação é poder e o empoderamento dos pacientes cresce a cada dia.

Para Van de Belt *et al* (2010), todo o cenário da comunicação para a saúde, com a inclusão de novas tecnologias no campo informacional, ganha outros contornos a partir da chegada da Internet, sobretudo na etapa da Web 2.0. O termo Web 2.0 foi introduzido em 2004, sendo definido por O´Reilly como um conjunto de conteúdos econômicos, sociais e tecnológicos que coletivamente formam a base para a próxima geração da Internet, mais madura, um meio distinto, caracterizado pela participação do usuário, com abertura e efeitos de network.

A Internet renovou as perspectivas para a comunicação em saúde. Enquanto a comunicação de massa deve fazer campanhas falando em geral dos temas de saúde, porque alcança uma audiência heterogênea, a rede de computadores, por ser acessada individualmente, pode responder a dúvidas específicas, oferecendo a informação sob medida, com o grau de profundidade que o usuário procura (SOARES, 2004).

Van De Belt *et al* (2010) lembram que os pacientes estão usando mecanismos de busca como o Google e o Bing para encontrar informações relacionadas à saúde. No Google, 5% de todas as buscas estão ligadas à saúde. Metade dos americanos que têm aplicativos de atualização de notícias em seus smartphones tem um tópico de saúde entre seus preferidos.

De acordo com Vasconcellos-Silva *et al* (2010, p.1473) diversos estudos têm registrado a relevância da Internet no campo na comunicação e saúde, chegando a proporções que variam entre 80% dos adultos dos Estados Unidos e 66% dos europeus a consumir informações sobre saúde na grande rede. Para os pesquisadores, proliferam os estudos que apontam para a Internet como um valioso recurso ao autocuidado, provendo informações e interação entre profissionais, cuidadores e usuários na condição de padecimentos crônicos ou de simples interessados nas questões da saúde humana. Vasconcellos-Silva *et al* (2010, p.1473) ressaltam que:

> *Um grande inquérito, envolvendo 4.764 usuários, tem resultados mais convincentes a exibir: cerca de um terço dos "consumidores de informação" admitia que a Internet interferisse genuína e definitivamente em suas decisões capitais no campo da saúde.*

Conforme salienta Vargas (2010), embora os usos da Internet na saúde coletiva sejam ainda pouco estudados, esse tema tem emergido de forma crescente, tanto entre pesquisadores interessados na tematização da popularização da ciência e da divulgação científica, quanto entre os que dedicam sua análise à obtenção de informações, ao autocuidado em saúde e ao impacto dos meios e das mediações nas relações médico-paciente. Vargas lembra que alguns dos autores assinalam a diversidade de repertórios e informações disponíveis na internet, caracterizando-a como um espaço de popularização da ciência e de promoção da saúde.

Considerando a Internet como ferramenta impactante em nosso cotidiano, o presente estudo visa identificar sua influência nas áreas de saúde e doença. Através de uma pesquisa quantitativa e qualitativa aplicada em estudantes universitários, entre diversas variáveis, este artigo busca apontar como e onde as pessoas localizam informações sobre saúde (e doença) na Internet, o impacto dessas informações sobre as decisões quanto à promoção de saúde e prevenção de doenças e como o aluno-paciente utiliza as informações no relacionamento com profissionais da área médica.

Livremente inspirado no estudo "Da Utilização da Internet para questões de saúde e doença em Portugal – Possíveis Repercussões na Relação Médico-Doente?"[6], a presente pesquisa utiliza-se da Internet não apenas como fonte de análise, mas como ferramenta para sua idealização. A pesquisa portuguesa, realizada em 2005, teve uma amostragem maior (2001 entrevistados), numa faixa etária muito ampliada, com respondentes entre 15 e 80 anos, não sendo possível a comparação quantitativa com a ora apresentada.

Tendo como sujeitos de pesquisa estudantes universitários dos cursos de Comunicação e Saúde da Universidade Municipal de São Caetano do Sul (USCS), em São Paulo, o estudo, através de um questionário online, buscou traçar perfis de comportamento na web e diagnósticos online relacionados à saúde.

[6] SILVINA SANTANA, A. SOUSA PEREIRA. Da utilização da Internet para questões de saúde e doença em Portugal - possíveis repercussões na relação médico-doente?. **Acta Med Port** 2007; 20: 47-57. Disponível em: http://www.actamedicaportuguesa.com/pdf/2007-20/1/47-58.pdf. Acesso em: 13.02.2013.

Objetivos

O principal objetivo dessa pesquisa foi identificar os usos que fazem os universitários das informações obtidas na Internet sobre prevenção de doenças e promoção da saúde. Como questionamentos respondidos durante esta pesquisa, destacam-se:

a) Qual a importância da Internet na obtenção de informações sobre saúde e doenças?

b) Qual o perfil do aluno-internauta que busca informações sobre saúde na rede?

c) Qual o uso e a frequência de uso da Internet para procura de informação sobre saúde ou doença?

d) Quais os efeitos do uso da Internet para questões de saúde ou doença?

e) As informações obtidas na rede influenciam no contato com profissionais de saúde?

Metodologia

Por meio de pesquisa quantitativa e qualitativa realizada via Internet na plataforma Google Drive, com aplicação de questionário online, o estudo mobilizou diversos estudantes da Escola de Comunicação[7] e da Escola de Saúde[8] da Universidade Municipal de São Caetano do Sul (USCS) a responderem perguntas estruturadas de acordo com referencial teórico, cujo propósito era identificar perfis de utilização da Internet e averiguação de informações nesta rede relacionadas à área da saúde. O estudo utilizou a amostragem por acessibilidade ou por conveniência, assim definida por Gil (2008, p.94):

> *[a amostragem por acessibilidade ou por conveniência] constitui o menos rigoroso de todos os tipos de amostragem. Por isso mesmo é destituída de qualquer rigor estatístico. O pesquisador seleciona os elementos a que tem acesso, admitindo que esses possam, de alguma forma, representar o universo. Aplica-se este tipo de amostragem em estudos exploratórios ou qualitativos, onde não é requerido elevado nível de precisão.*

[7] Composta pelas graduações de Comunicação Social: Jornalismo, Publicidade e Propaganda, Rádio e TV.
[8] Composta pelas graduações de Educação Física, Enfermagem, Farmácia, Fisioterapia e Nutrição.

Desenvolvimento

Para o desenvolvimento do projeto, foi necessário obter um referencial teórico como base para a adaptação do estudo "Da Utilização da Internet para questões de saúde e doença em Portugal – Possíveis Repercussões na Relação Médico-Doente?". Tal adaptação refere-se à livre estruturação de um novo questionário, este adequado ao idioma português-brasileiro e ao perfil do público-alvo deste estudo.

Também foi necessário entender a abrangência da Internet em parâmetros mundiais e nos hábitos e costumes brasileiros. Entre 2007, ano em que o estudo português foi publicado (dois anos após a aplicação dos questionários), e 2012, ano-base desta pesquisa, mudanças significativas ocorreram nos ambientes online e nos comportamentos humanos. Por fim, também foi necessária a elaboração de uma pesquisa-teste para medir o impacto da utilização da ferramenta Google Drive, em substituição aos questionários de aplicação manual.

Após verificação da ferramenta online e elaboração do questionário a ser aplicado, tendo em base neste último item os objetivos da pesquisa, os passos seguintes foram a hospedagem das perguntas estruturadas e a mobilização dos estudantes universitários. Como passos finais do estudo, couberam a análise e interpretação dos resultados obtidos.

Resultados

Com respostas obtidas no decorrer do mês de abril de 2012, o questionário online estruturado para este estudo (Quadro 1) obteve 217 respostas de estudantes, sendo 76% correspondentes ao público feminino e 24% ao gênero masculino, com faixa etária média entre 17 e 25 anos. Nas questões relacionadas ao acesso livre à internet, 94% dos entrevistados informaram acessar a rede diariamente e 6% pelo menos uma vez por semana, não havendo respostas a períodos mais longos de utilização ou à utilização nula. Dentre os assuntos mais procurados na rede, o entretenimento é o mais selecionado, com 43%, seguido de notícias, com 30%. A área de saúde, foco deste estudo, aparece em terceiro lugar dos assuntos mais requisitados com 12%, empatando com "outros assuntos" e ficando na frente apenas da área de esporte, que é o assunto predominante de apenas 6% dos entrevistados.

Quadro 1

QUESTIONÁRIO ESTRUTURADO E SEUS RESULTADOS

1. Com que frequência você costuma acessar a Internet?

a) Diariamente	86%
b) Pelo menos uma vez por semana	6%
c) A cada quinze dias	0%
d) Em média, uma vez por mês	0%
e) Outros	0%

2. Considerando a internet como fonte ilimitada de informações, quais dos assuntos abaixo você costuma buscar informações através desta rede?

a) Entretenimento	43%
b) Notícias	30%
c) Saúde	12%
d) Esporte	3%
e) Outros	12%

3. Você costuma repassar informações obtidas na internet para demais pessoas?

a) Sim, mas antes verifico a veracidade da informação	78%
b) Sim, pois confio nas informações desta rede	8%
c) Não, pois existem muitas informações errôneas nela	8%
d) Não, prefiro recorrer a outros meios de comunicação, como: jornais, revistas ou televisão	5%

4. Considerando a internet como elemento do cotidiano, você costuma recorrer a ela quando identifica sintomas de possíveis doenças em seu organismo?

a) Sim, pois procuro ter um parecer sobre a possível doença que eu tenha	43%
b) Sim, para que eu possa identificar a possível doença e me medicar através das informações da internet	2%
c) Sim, para que usar as informações obtidas em minha consulta médica	18%
d) Não, pois a internet não possui informações confiáveis	3%
e) Não, prefiro recorrer à automedicação	1%
f) Não, prefiro recorrer ao médico	33%

5. Você acredita que a internet possui informações válidas na área da saúde?

a) Sim, mas é necessário averiguar as informações	89%
b) Sim, pois todas as informações da internet são confiáveis	0%
c) Não, pois a internet possui diversas informações erradas e não há como saber o que está certo e o que está errado	6%
d) Não, prefiro recorrer a outras fontes de informações, tais como revistas da área e livros	4%

6. Você costuma participar de ações na internet, como debates virtuais (fóruns) ou divulgações em redes sociais, voltadas à área da saúde?

a) Sim, pois acredito que a internet existe para propagar informações	21%
b) Sim, pois acredito que a internet existe para propagar informações	33%
c) Não, pois a internet existe apenas como forma de entretenimento	21%
d) Não, pois a internet não é lugar para se debater assuntos sérios como a saúde	22%

7. Você busca ANTES ou APÓS a consulta médica informações na internet sobre saúde/doença para discutir com seu médico?

a) Sim	59%
b) Não	39%

8. O seu médico incentiva a busca pela informação na área da saúde?

a) Sim	7%
b) Não	29%
c) Indiferente	63%

9. Você já comprou/consumiu algum medicamento que tenha tido acesso pela internet, SEM orientação médica?

a) Sim	13%
b) Não	84%

10. Você troca informações pela internet com seu médico sobre suas condições de saúde (e-mail, redes sociais, etc)?

a) Sim	8%
b) Não	91%

**Algumas perguntas não adquiriram 100% em suas respostas, pois não eram questões obrigatórias do questionário.*

Sobre as informações obtidas na Internet, 86% dos entrevistados afirmaram retransmitir as informações a outras pessoas; 78% alegam verificar anteriormente a

veracidade destas informações e 8% as retransmitem sem verificar, pois confiam nas informações encontradas.

Relacionando à utilização da Internet na questão da saúde, 43% dos entrevistados afirmaram utilizar a rede como busca de informações após identificarem sintomas de possíveis doenças. Em contra partida, 33% alegaram não utilizar a Internet, preferindo recorrer diretamente ao médico ao sentirem complicações de saúde. Os resultados apresentados também mostram uma confiança dos usuários perante as informações recebidas pela Internet. 89% dos entrevistados informaram confiar nas informações vindas da internet, desde que sejam averiguadas antes e 33% alegaram que, após confirmarem a veracidade de tais informações, participam de ações virtuais como fóruns de saúde ou divulgações nas redes sociais.

Já em relação à interação médico-paciente, os resultados não foram tão positivos. Apesar de 59% dos entrevistados alegarem utilizar a internet antes das consultas médicas, 63% informaram que seus médicos são indiferentes quanto ao uso desta rede como ferramenta de informação na área da saúde. Além disso, 91% dos entrevistados informaram não trocar informações online sobre saúde com seus médicos. Entretanto, 84% dos estudantes alegaram confiar em seus médicos, não comprando medicamentos sem suas orientações.

Considerações finais

Banco de informações ilimitado, a Internet se mostra cada vez mais presente no cotidiano dos brasileiros. Seja para se informar ou entreter, a rede de computadores vem ganhando espaço e substituindo meios tradicionais de informação, como livros e jornais. Utilizando-a para a área de saúde, o presente estudo buscou analisar e compreender como estudantes universitários utilizam esta ferramenta para entender doenças e se relacionar com profissionais da área médica.

Através de um questionário estruturado, no qual se questionava primeiramente os hábitos de acesso online para posteriormente sondar sobre a utilização na área de saúde, o estudo comprovou que o acesso à Net está cada vez mais constante e que os usuários confiam nas informações que encontram neste ambiente.

A pesquisa também identificou uma postura divergente sobre a confiança das informações online ao relacionar a Internet com a área médica. Mesmo acreditando nesta rede como fonte de tais conhecimentos, apenas metade dos entrevistados (55%) confirmou que utiliza a Internet para este fim. Este déficit aumenta na interação médico-paciente online, que se mostrou indiferente ou inexistente.

Pessoni (2012b), acredita que, com a disponibilidade de informações à distância de algumas teclas, o ambiente virtual proporciona mudanças de comportamento entre atores envolvidos na busca e oferecimento de informações sobre saúde. A comunicação para a saúde também é agora prêt-à-porter. Não que isso não existia antes, fora da rede. Conforme salientam Garbin, Pereira Neto e Guilam (2008, p.586), "se hoje os pacientes tentam preservar sua autonomia procurando informações na rede, o movimento de busca de informações fora do consultório ou do hospital, com vizinhos, parentes ou amigos, sempre existiu". Os pesquisadores ressaltam que estudos recentes demonstram que as mulheres, mais do que os homens, procuram informação sobre saúde na Internet, pois assim tentam prevenir, evitar ou reduzir os custos de um tratamento dos membros da família, ajudando na gestão do orçamento familiar.

É claro que esse empoderamento dos pacientes diante da oferta de informações que chegam pela Internet nem sempre é bem visto pelos profissionais de saúde. Sobre esse novo relacionamento desses atores, Garbin, Pereira Neto e Guilam (2008, p.582) acreditam que a nova condição pode influir e até transformar a relação dos médicos e seus pacientes. Em termos gerais, acreditam que é fundamental que os profissionais passem a trabalhar com os pacientes, <u>ou invés de para eles</u> [grifo dos autores], usando mais tempo para escutar, absorver e valorizar as necessidades cognitivas, sociais e emocionais de seus pacientes.

De qualquer forma, as informações disponíveis na Internet têm potencial para modificar a relação médico-paciente. Ao elevarem o poder decisório do paciente, colocam em questão a formação e a autoridade profissional médica e desafiam o médico a estar constantemente atualizado. Assim, criam possibilidades de decisões mais compartilhadas (HENWOOD *et al*, 2003 *apud* GARBIN, PEREIRA NETO e GUILAM, 2008, p.586).

É válido destacar o surgimento de ações que buscam aproximar a Internet e os profissionais das áreas de saúde e doença, como, por exemplo, novas redes sociais voltadas

exclusivamente para este segmento[9]. Apesar de não serem conhecidas do público em geral, tais ferramentas poderiam se tornar alternativas viáveis para busca de informações, o que traria confiabilidade nos conhecimentos digitais desta área.

Conclui-se que os estudantes universitários entendem a importância da Internet como fonte de informações e têm o costume de averiguar o que encontram na rede. Entretanto, em relação à área da saúde, ela se mostrou como pouco utilizada pelos entrevistados e o não-incentivo e não-utilização dos profissionais da área da saúde faz com que tal ferramenta online não contribua para a propagação de conhecimentos médicos, o que, consequentemente, afeta a relação médico-paciente que fica restrita às consultas médicas.

Concordando com Harvey *at al.(*2008, *apud* PESSONI, 2012), apesar de os serviços de saúde serem lentos para usar e-mail para a comunicação médico-paciente, é importante para os profissionais de saúde entenderem que, na era digital, o seu papel está mudando na medida em que eles têm de, cada vez mais, atuar como guias de saúde, mediadores e corretores de informação aos pacientes e consumidores. A resistência profissional à aplicação da internet e serviços de e-mail nos cuidados de saúde continua a ser um obstáculo significativo para a realização de novas tecnologias. Parte desse potencial está na oportunidade de contato com pessoas que podem ter necessidades de saúde, mas acham que outros tipos de comunicação podem ser constrangedoras ou difíceis de iniciar. Assim, é fundamental para os profissionais de saúde compreender e corresponder a não apenas como novos serviços de informação estão afetando a prestação de cuidados de saúde, mas também como as tecnologias digitais estão rapidamente formando e evoluindo para práticas comunicativas contemporâneas.

Novos estudos necessitam ser realizados periodicamente a fim de identificar se há aderência dos profissionais de saúde neste novo formato de relacionamento com seus pacientes virtuais. Também há necessidade de mapear as novas fontes de busca por informação em saúde por parte dos jovens, ainda mais num cenário de comunicação líquida, onde cada dia surgem mais ferramentas, aplicativos e redes sociais onde as informações são disponibilizadas.

[9] Exemplos: Doctors Way (http://www.doctorsway.com.br/), iMeds (http://www.imeds.com.br/), entre outros.

Referências

ANDRADE, Gabriela R. B. de; VAITSMAN, Jeni. **Apoio social e redes: conectando solidariedade e saúde**. Ciênc. saúde coletiva, Rio de Janeiro, v. 7, n. 4, 2002 . Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232002000400023&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 21/02/2011.

BELT, Tom H Van De et al. Definition of Health 2.0 and Medicine 2.0: A Systematic Review. **Journal of Medical Internet Research**, Toronto, Canada, n. 18, p.1-16, 11 jun. 2010. Apr-jun. Disponível em: <http://www.jmir.org>. Acesso em: 28 jun. 2012.

BENIGERI, Mike & PLUVE, Pierre. **Shortcomings of health information on the Internet**. Health Promotion International. Vol. 18, nº 4, p.381-386, 2003.

CLINE, R. J. W. & HAYNES, K. M., **Consumer health information seeking on the Internet: the state of the art**. Health Education Research. Vol. 16, nº 6, p.671-692, 2001. Disponível em: < http://her.oxfordjournals.org/content/16/6/671.abstract>. Acesso em: 11/02/2012

GARBIN, H.B.R; PEREIRA NETO, A.F.; GUILAM, M.C.R.The Internet, expert patients and medical practice: an analysis of the literature. **Interface – Comunic., Saúde, Educ.,** v 12, n.26, p.579-88, jul/set. 2008.

GASKELL, George & BAUER, Martin W. (ed.) **Pesquisa qualitativa com texto: imagem e som: um manual prátic**o. Petrópolis, RJ: Vozes, p.470-490, 2002.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 2008.

HARVEY, K; CHURCHILL, D.; CRAWFORD, P.; BROWN, B.; MULLANY, L.; MACFARLANE, A.; McPHERSON. A. Health communication and adolescents: what do their e-mails tell us? **Family Practise**, 2008; 25: 304-311.

PESSONI, A. . Comunicação para a saúde em ambientes colaborativos: o empoderamento do paciente. **Revista Brasileira de Comunicação Organizacional e Relações Públicas** - ORGANICOM, v. 9, p. 67-78, 2012.

PESSONI, A.(b) . Saúde em tempos de tecnologia: médicos analógicos e pacientes digitais?. In: SQUIRRA, Sebastião. (Org.). **Cibercoms - tecnologias ublíquas, mídias pervasivas**. 1ed.Porto Alegre: Buqui, 2012, v. 1, p. 107-128.

SANTANA, Silvina. Da Utilização da Internet para Questões de Saúde e Doença em Portugal: Possíveis Repercussões na Relação Médico-Doente?. **Acta Med Port** 2007; 20: 47-57. Disponível em: http://www.actamedicaportuguesa.com/pdf/2007-20/1/47-58.pdf. Acesso em: 13.02.2013.

SILVA, Wilma Madeira da. **Navegar é preciso: avaliação de impactos do uso da Internet na relação médico-paciente**. Biblioteca Digital USP, São Paulo, 2006. Disponível em: < http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/6/6135/tde-30102006-103313/pt-br.php>. Acesso em: 11/02/2012.

SOARES, M. C. . Internet e saúde: possibilidades e limitações. **Textos de la Cibersociedad**, Barcelona, v. 4, 2004.

TECLEHAIMANOT, Berhane & HICKMAN Torey. **Student-Teacher Interaction on Facebook: What Students Find Appropriate**. TechTrends, May/June, 2011.

VARGAS, E. P. Saúde, razão prática e dimensão simbólica dos usos da internet: notas etnográficas sobre os sentidos da reprodução. **Saúde e Sociedade** (USP. Impresso), v. 19, p. 135-146, 2010.

VASCONCELLOS-SILVA, Paulo Roberto et al . As novas tecnologias da informação e o consumismo em saúde. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 26, n. 8, Ago. 2010 . Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X2010000800002&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 29 jun. 2012. http://dx.doi.org/10.1590/S0102-311X2010000800002.

REVISTA INFO. **Brasil atinge 94,2 milhões de usuários de internet**. Disponível em: <http://info.abril.com.br/noticias/internet/brasil-atinge-94-2-milhoes-de-pessoas-conectadas-14122012-32.shl>. Acesso em: 11/02/2013.

REVISTA INFO. **Brasil é o quinto país mais conectado do mundo**. Disponível em: <http://info.abril.com.br/noticias/internet/brasil-e-o-quinto-pais-mais-conectado-do-mundo-22042012-7.shl?utm_source=feedburner&utm_medium=feed&utm_campaign=Feed%3A+NoticiasINFO-Internet+(Not%C3%ADcias+INFO+-+Internet)>. Acesso em: 11/02/2013.

REVISTA INFO. **Brasil tem 83,4 mi de pessoas conectadas à Internet**. Disponível em: <http://info.abril.com.br/noticias/internet/brasil-tem-83-4-mi-de-pessoas-conectadas-a-internet-25092012-33.shl>. Acesso em: 11/02/2013.

TO BE GUARANI. **Estatísticas, dados e projeções atuais sobre a Internet no Brasil**. Disponível em: <http://tobeguarany.com/internet_no_brasil.php>. Acesso em: 11/02/2013.